

O COMÉRCIO DA PÓVOA DE VARZIM

Director, Editor e Proprietário
MANUEL AGONIA FRASCO

JORNAL REPUBLICANO E DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS

Redacção e administração
Officinas de «Comércio»

A nossa praia

Ja aqui temos salientado, com satisfação, que a praia da Póvoa, hospitaleira como roucas, proporciona comodidades inusitadas, que não há noutras praias. Uma é o aluguer de quartos, com cozinha para cozinhar, por preços económicos, muito inferiores aos das praias. Há quartos a 10, 15 e 20 escudos diários, nestas condições.

A Póvoa é uma praia popular, ideal. Aluga quartos mobiliados, com água e luz, turismo, etc., por uma ridicularia. Faz-se isto em todas as praias? Não. O aluguer de quartos não é lucrativo. Só a cozinheira dá ordens e a lenha que se gasta, e pelo preço que corre, levam tudo que seapura — pois há banhistas de quartos que só estão 3 ou 10 dias, estando muitos dias por alugar, ao passo que os andares se alugam por mês e com todas as despesas por conta dos banhistas.

Nem todos os que vem á praia, por recreio ou para tomar banho, podem pagar contos de reis pelas andares, pelas habitações temporárias. Deixem os póveiros de alugar quartos e a praia ressantir-se á da sua popularidade, da sua animação, do seu grandioso bulício e movimento.

Giocana de motos em Lousada

Patrocinada pelo «Moto Club de Portugal», realizou-se á no próximo dia 18. domingo, em Lousada, uma Giocana de motos, para a disputa de 10 valiosos prémios.

Esta prova tem lugar no Campo da Bovista e o seu produto reverte em benefício dos cofres dos Bombeiros Voluntários daquela localidade.

O problema da mendicidade na nossa Terra

O «Comércio da Póvoa» fez, no número passado, alusão a um problema que continua insolúvel na nossa terra: — a mendicidade.

Como focassemos que um dos locais mais preferidos pelos pedintes era a nossa praia de banhos, o illustre Capitão do porto sr. Comandante Garcia Braga quiz ter a amabilidade de nos demonstrar que na área a seu cargo, o policiamento é feito intensivamente e de maneira que nós não podemos deixar de elogiar a acção de S. Ex.ª

O que não é possível — disse-nos aquele illustre oficial da Armada — é resolver assuntos destes com a força, mas só com o coração é que eles se poderão resolver. Não se pode afastar os mendigos sem se conseguir o seu internamento em estabelecimentos apropriados como já succede, por exemplo em Lisboa, onde os pedintes tem o seu agasalho na Mitra.

As considerações que ouvimos do Sr. Comandante Garcia Braga são, de facto, as únicas aceitáveis para resolver este mal-fadado assunto.

A's autoridades, disse-nos S. Ex.ª, repugna neste caso, a violência. A prisão das crianças mendigas, salvo em casos de força maior, que remediará? Como toda a gente sabe, essa prisão não pode ser mantida uma vez que não há possibilidade de internamento em casas de beneficência ou em estabelecimentos do Estado.

Vimos várias crianças na Capitania para onde foram levadas pelos cabos de mar, que tem feito um serviço digno de louvor. Depois de aconselhadas devidamente foram mandadas embora.

As palavras que ali ouvimos são dignas de aplauso e concordamos em absoluto que o problema não pode ter aquela solução que todos nós desejaríamos.

Não ter mesmo solução? Julgamos interpretar o pensamento do Sr. Comandante Garcia Braga dizendo que é necessário criar um albergue ou coisa semelhante onde os mendigos pudessem ser internados e agasalhados.

Possue a Póvoa de Varzim

A "Um Poveiro,...

Um dia destes recebemos pelo correio, um artigo, assinado por «Um Poveiro» cuja publicação nos é solicitada. Na carta que o acompanha diz o seu autor que «neste estão impressas algumas verdades». Tem, de facto, algumas verdades, mas, só algumas. Gostaríamos de saber quem é o seu autor para trocarmos impressões se isso for possível e só então é que poderemos dar publicidade ao artigo, depois de limadaz algumas arestas que não tem razão de existir, porque não representam, quanto a nós, a verdade.

Será isso possível?

MARTINS DA FONTE

ADVOCADO

Largo EA de Queiroz
POVOA DE VARZIM

Alfredo Pinto

De regresso de Pedras Salgadas chegou no sábado á Póvoa, onde já se encontrava sua ex.ª esposa, o nosso querido amigo e velho e dedicado amigo da Póvoa, sr. Alfredo Pinto, que veio matar saudades á nossa terra que muito admira e cavaquear um pouco com os muitos amigos que aqui tem.

O «Comércio da Póvoa» apresenta os seus cumprimentos de boas vindas ao seu antigo e illustre colaborador e aguarda com ansiedade a prometiã colaboração.

Aqueles prédios...

Mercê da sua proprietária D. Libânia dos Santos, apresenta-se em condições de bem servir, com melhoramentos todos os anos, o antigo Café Ribeiro, situado no melhor local da Praia.

No entanto, que diarmos nós do proprietário do prédio? Appreço, há anos, um projecto de construção nova; adquiriu, para isso, com esse fim, as casas contiguas, e, afinal, ficou tudo como dantes...

Aqueles prédios, enfrentando o Passeio Alegre, são írisitas, sob o ponto de vista estético, velhos e antiquados, fora do alinhamento, quando o local se presta para um edifício sôdigno, de dois ou três andares, com um amplo Café, de lado a lado, no rés-do-chão.

Noutra terra não se tolerariam estas gaiolas no principal sítio da Praia, gaiolas seculares há anos atrás e não no progresso actual de embelezamento material que a Póvoa tem necessidade absoluta de acompanhar, porque é Zona de Turismo.

uma casa de caridade—A Beneficente—que dá de comer a todo o pobre necessitado que a ela recorre. Que é preciso mais? Uma casa ou uma propriedade rustica, casa onde pudessem ser recolhidos os pedintes inválidos e onde transitoriamente estariam internadas essas crianças que se entregam á pedinçice até que arranjassem modo de vida capaz de se sustentarem. A Póvoa faria mais um esforço para solucionar o assunto. De resto não faltaria a ajuda do «Socorro Social», que na nossa terra deve cobrar verbas de relativa importância.

Aos pedintes de fora do concelho conseguir-se-ia que a Beneficente lhes desse uma refeição na sua passagem pela Póvoa.

Quanto a nós, só assim poderia ser resolvido, em parte, o problema da mendicidade na nossa terra.

A Volta a Portugal

Prometemos repôr a verdade no malfadado caso da XIV Volta a Portugal. Poderíamos, se quizessemos, analisar, ponto por ponto a carta que publicamos do sr. Anacleto da Ponte, carta que, quanto a nós, foi «cosinhada» e preparada com o seu delegado na Póvoa que, querendo dar ares de importância, nos veio invocar, para a sua publicação, a Lei de Imprensa. O assunto dava-nos muito pano para mangas.

Não o fazemos, porque isso obrigar-nos-ia a um tempo preciso que não podemos perder. Temos mais que fazer e mesmo o assunto em causa não merece que se lhe dedique a mínima atenção. Outros assuntos há que devem ser tratados e que não podem ser relegados para plano secundário porque são assuntos que interessam a toda a gente e não apenas a dois indivíduos.

Vimos dar a palavra a Santos Graça e a Artur Aires.

Uma carta de Santos Graça

Amigo Agonia:

O sr. Anacleto da Ponte deturpa a verdade quando afirma que eu e os restantes membros da Comissão local da Volta fomos nomeados (que tanto infelizia!) pelo seu representante.

Ele sabe muito bem que eu fui

REPONDO A VERDADE

CONVIDADO para fazer parte dessa Comissão pela illustre redacção de «O Primeiro de Janeiro», que patrocinára a Volta.

Nomeado, pelo seu representante? Tenha juizo, sr. Anacleto da Ponte!

Por esta amostra, o rest. da Carta deve ter a mesma veracidade.

Teu amigo,

A. SANTOS GRAÇA

Fala Artur Aires

Póvoa de Varzim 8 de Setembro de 1949

... Sr. Director do «Comércio da Póvoa»

No seu conceituado jornal de 3 do corrente vem publicada uma carta da Comissão Executiva da XIV Volta a Portugal, assinada pelo Sr. Anacleto da Ponte, em que relata a «história» da exclusão da etapa na Póvoa.

Como essa carta contém afirmações que não traduzem a verdade dos factos, dirigi ao Sr. Anacleto da Ponte a carta de que junto copia, muito agradecendo a sua publicação.

Com os protestos da minha melhor consideração

De V.

Atenciosamente
ARTUR AIRES

Póvoa de Varzim, 7 de Setembro de 1949.

Ex.mo Sr. Anacleto da Ponte
Comissão Executiva da XIV Volta a Portugal
PORTO

No jornal «O Comércio da Póvoa» de 3 do corrente, vem publi-

Continua na página 4

ECONOMIA

Não é leal, sincero, nem justo quem emprega e desdem á pecúnia. Precisamos ter coragem para afirmar publicamente, como Emerson, que a pobreza desmoraliza, que um homem esadivido é como um escravo; que a usufruição de riqueza, dentro de certos limites, é coisa moral.

A par dessa afirmativa devemos colocar outra, também verdadeira; que não é o dinheiro que faz a felicidade. Ela é, certamente, um meio indispensável para muita coisa que, reunida, significa conforto e tranquilidade, porém não é preciso ser rico. Um e outro dependerá menos de dinheiro que de sabedoria.

Há muitos ricos que vivem como se não possuíssem pela intranquilidade e dissabores que sofrem; enquanto que outros, sem fortuna, gozam os melhores bens da terra. Tudo é relativo na vida, por isso há pobres que são ricos e ricos que são pobres. Epicuro disse: não é pobre aquele que possui pouco, mas aquele que, possuindo muito, deseja possuir ainda mais.

Tudo isto, dirão os leitores, é fácil dizer. São teorias. Há entretanto, um conceito fácil de dizer, e fácil de praticar, quando se possui a virtude da vontade. Foi expresso por Franklin, nestes termos. Se comprares aquilo que não precisas, não tardarás a vender o que te é necessário. Haverá alguma coisa mais simples do que deixar de comprar o supérfluo?

Há tanta gente, entretanto, que compra sem necessidade, por vício de possuir. O prazer consiste em adquirir o que ambiciona, em lerá-lo para casa, em desembulhá-lo, e depois, sobre um móvel ou uma gaveta e... esquecer-se dele ou, o que não é raro, arrepende-se de ter

gasto o que não podia em coisa dispensável. Outros há que compram, sempre, o que encontram barato. O barato constitui a obsessão desses perdulários. Possuindo um desperfido ainda em ótimo estado, ficam, não obstante, ansiosos por comprar outro exposto numa vitrina, pelo preço de liquidação.

Comprando barato estão sempre comprando caro, porque a tanto vale o que se adquire quando se não necessita.

A economia é uma escola de dever, de domínio próprio, de disciplina de método, de previdência. Quem pratica a economia cumpre um dever de conservação e de dignidade. A experiência ensina-nos que a pobreza e a misericórdia colocam-nos na dependência de outrem, e que a necessidade conduz á mendicidade.

Sirva o que ficou dito como estímulo benéfico áqueles que estão dispostos a seguir os preceitos da economia, os quais regulam a vida, a conferirem e a amparam.

Da Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Dr. Pinheiro Torres

Pelo falecimento de uma sua cunhada ocorrido há dias em Santo Tirso, encontra-se de luto o nosso ex-mo amigo sr. dr. Alberto Pinheiro Torres, que entre nós se encontra a veranear com sua dedicada família. Apresentamos a s. ex.ª e mais família, os nossos sentidos pesames.

Aparelho

de ponto apertado, vende-se. Falar na «Loja Huzgrana», R. 31 de Janeiro.

DOCE PÓVOA

é um estabelecimento digno de V. Ex.ª

Visite a sua linda Sala de Chá
Pastelaria e Confeitaria

Fábrica própria com especialidades, que são especialidades

Praça Marquês do Pombal, 19

Telefone, 154

Casa Heitor

Camisaria Lãs
Malhas Meias
Perfumaria Rendas
Retrosaria Bordados
NOVIDADES

Rua 5 de Outubro, 1

Póvoa de Varzim